

A escrita negra nos livros didáticos de Língua Portuguesa: Invisibilidade, Resistência e Letramento Racial

Fabíola Jerônimo Duarte de Lira ¹

RESUMO

Diante da compreensão de que o currículo escolar, ao privilegiar autores brancos e uma perspectiva eurocentrada, contribui para a marginalização das vozes negras na formação leitora dos estudantes, além do acirramento das assimetrias sociais, a presente pesquisa analisa como a escrita negra é representada nos livros didáticos da coleção “Português linguagens” disponibilizada no PNLD de 2023 para o Ensino Fundamental II. Assim, por meio da análise qualitativa da coleção, observa-se que a presença de autores e autoras negras é escassa, e, quando ocorre, muitas vezes está associada a contextos estereotipados, isto é, longe de uma devida valorização das obras desses autores. Portanto, o estudo destaca a importância de uma abordagem antirracista no planejamento didático, propondo a valorização da literatura negra contemporânea como ferramenta para o letramento crítico e a construção de identidades plurais. Ademais, como conclusão, observa-se a necessidade de políticas públicas que garantam a inclusão efetiva da produção intelectual negra no material escolar, bem como uma abordagem coesa por parte dos docentes, contribuindo, desse modo, para uma educação mais equitativa, representativa e transformadora.

Palavras-chave: Escrita negra, Livros didáticos, Representatividade, Letramento racial crítico, Educação antirracista.

1 Introdução

A literatura escolar desempenha papel central na formação cultural, social e ética dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, de interpretação textual e de sensibilidade estética. Além disso, atua como instrumento de construção de identidade, oferecendo referências que influenciam a percepção do mundo e das relações sociais. O conceito de letramento literário, segundo Cosson (2014), ultrapassa a leitura instrumental, envolvendo a capacidade de dialogar criticamente com os textos, refletir sobre contextos sociais e históricos, e reconhecer diferentes perspectivas culturais.

Entretanto, estudos mostram que a seleção de textos nos livros didáticos ainda reproduz padrões históricos de exclusão e hierarquização social, especialmente em relação a gênero e raça (Collins, 2009). A predominância de protagonistas masculinos e de autores brancos reforça a ideia de que experiências masculinas e brancas seriam

¹ Doutoranda em Linguística pelo Proling/Universidade Federal da Paraíba-PB, fabiollla-mf@hotmail.com



normativas, enquanto as experiências femininas e negras aparecem como exceções. Esse fenômeno limita a diversidade de referências para os estudantes, comprometendo a formação de identidades plurais e a capacidade crítica de análise.

Diante desse cenário, o presente estudo analisa uma coleção de livros didáticos, investigando a presença de autoras e autores negros, bem como a representação de personagens femininas. O objetivo é compreender como a seleção editorial influencia a construção de representações sociais e discutir estratégias para tornar a literatura escolar mais inclusiva e representativa.

2 Fundamentação teórica

A escola deve ser entendida não apenas como veículo de habilidades técnicas de leitura e escrita, mas como prática social que possibilita a construção de sentido e identidade. Assim, Cosson (2014) enfatiza que o letramento literário envolve o desenvolvimento de competências críticas, a reflexão sobre diferentes contextos sociais e culturais e a valorização da experiência subjetiva dos estudantes diante do texto.

A perspectiva feminista e antirracista destaca que a ausência de mulheres e pessoas negras nos materiais educativos reproduz relações de poder e desigualdades históricas. Collins (2009) argumenta que a experiência da mulher negra tem sido sistematicamente invisibilizada, reduzida a estereótipos e quase nunca representada em espaços de produção cultural, incluindo a literatura escolar. Essa ausência afeta diretamente a formação da identidade dos estudantes, principalmente daqueles que poderiam se reconhecer nas vozes marginalizadas.

A representatividade na literatura escolar também é uma questão pedagógica: textos que incluem diversidade de gênero e raça ampliam o repertório cultural dos estudantes, fortalecem a empatia e estimulam o pensamento crítico. Quando predominam personagens masculinos e autores brancos, a escola contribui para a naturalização de hierarquias sociais, limitando o contato dos alunos com múltiplas experiências e perspectivas. Assim, a presença de autoras e autores negros e de personagens femininas não é apenas simbólica, mas essencial para a construção de um letramento literário crítico, inclusivo e engajado socialmente.

3 Metodologia



O estudo adotou abordagem qualitativa, com análise documental dos quatro livros da coleção “Linguagens”. Cada livro foi categorizado segundo o nome do autor e a página do livro no qual encontrava-se o texto de sua autoria. A análise visou identificar padrões de predominância e ausência, buscando compreender as escolhas editoriais e suas implicações pedagógicas.

A análise qualitativa permitiu refletir sobre os significados sociais e simbólicos da seleção textual, considerando como a visibilidade ou invisibilidade de determinados grupos impacta a formação de identidade e a construção de valores nos estudantes. A pesquisa ainda foi orientada por referenciais teóricos de letramento literário e educação antirracista, permitindo discutir criticamente as consequências da ausência de representatividade nos livros didáticos.

4 Resultados e análise

A análise revelou que a maior parte dos textos da coleção apresenta protagonistas masculinos. Apenas dois textos foram escritos por mulheres negras, sendo apenas um de autoria de uma mulher negra. Esses resultados indicam um padrão editorial que privilegia experiências masculinas e brancas, mantendo invisíveis as vozes femininas e negras.

Essa predominância tem efeitos pedagógicos significativos. A ausência de autoras e personagens femininas limita o repertório de identificação dos estudantes, comprometendo a formação de identidades plurais. Mais ainda, a escassa presença de autoras negras impede que estudantes negros encontrem representações positivas e complexas de sua própria vivência, reforçando desigualdades históricas e sociais.

A análise também evidencia que a seleção editorial sugere uma naturalização do masculino e do branco como padrão normativo, enquanto experiências de mulheres e negros são excepcionais. Essa estrutura repercute no imaginário social dos estudantes, moldando percepções sobre quem “importa” na literatura e na sociedade. Como destaca Collins (2009), a presença de vozes marginalizadas é crucial não apenas para representatividade simbólica, mas também para o desenvolvimento da consciência crítica e da empatia.

Ademais, os resultados reforçam a necessidade de repensar a seleção de textos literários na escola. A predominância de protagonistas masculinos e autores brancos limita a literatura escolar como espaço de construção crítica, reflexão social e formação



de identidade.

A literatura deve funcionar como instrumento de inclusão, permitindo aos estudantes acessar diferentes perspectivas culturais e sociais. Quando essa diversidade não é contemplada, o ensino se restringe a uma visão parcial do mundo, que não corresponde à complexidade social e histórica vivida pelos alunos. A inclusão de autoras e autores negros, assim como de protagonistas femininas, amplia o repertório de referência, fortalece o letramento literário e contribui para a construção de valores de justiça social e equidade.

Portanto, é urgente que editoras, educadores e políticas públicas priorizem a diversidade na seleção de textos, garantindo que a literatura escolar reflita a pluralidade da sociedade e contribua para a formação de cidadãos críticos, conscientes e empáticos.

Tabela 1 – Textos da coleção e autores.

Livro do 6º ano	
Página	
15	Irmãos Grimm
37	Antonio prata
61	Monteiro lobato
122	Maurício de Sousa
158	Carlos saldanha
178	Myriam Rowich
200	Djamila Ribeiro
248	David Wallace-Wells

Livro do 7º ano	
Página	
18	Edgar Allan Poe
58	Franz Kafka
86	Ernst Theodor Amadeus Hoffmann
109	Solano Trindade
152	Mia Couto
155	Zé Bezerra
248	David Wallace-Wells
233	Walcyrr Carrasco
262	Drauzio Varella
286	Carlo Castelo
300	Suzana Herculano Houzel

Livro do 8º ano	
-----------------	--



Página	
15	Antonio Prata
37	Chico Anísio
59	Luis Fernando Verissimo
91	Hélio Mattar
133	José Paulo Paes
163	Sérgio Roveri
196	Rubem Alves
226	Dodo Azevedo
261	Conceição Evaristo
260	Alcântara Machado
271	Jairo Marques

Livro do 9º ano	
Página	
17	Pollyana Ferrari
37	Antônia Prata
63	Marcelo Coelho
95	Carlos Drummond
95	Vinícios de Moraes
118	Clarice Lispector
135	Fernando Pessoa
181	Drauzio Varella
205	Walcy Carrasco

Fonte: Elaboração própria (2025)

4 Resultados e análise

A análise das coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano, revela uma desigualdade expressiva na representatividade de autores. Em meio a dezenas de nomes, identificam-se apenas quatro personalidades negras: Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Nelso Mandela e Solano Trindade, sendo as duas primeiras mulheres. Essa presença mínima denuncia a persistência de um padrão excludente, sustentado por estruturas de racismo e sexismo, que moldam o conteúdo escolar e definem o que é considerado conhecimento válido (Duarte, 2023).

A invisibilidade das vozes negras nos livros didáticos não é uma simples lacuna editorial, mas uma estratégia histórica de silenciamento (Munanga, 2005). Essa ausência reforça o que Djamila Ribeiro (2019) define como o “lugar de fala” negado: um mecanismo que retira dos grupos subalternizados o direito de narrar a própria experiência. No contexto educacional, isso significa que os estudantes negros crescem sem referências positivas de si mesmos, enquanto os alunos brancos aprendem a reconhecer-se como centro do discurso e medida universal de humanidade. Essa assimetria simbólica perpetua o racismo estrutural, ao naturalizar a branquitude como norma e o negro como exceção.



Do ponto de vista das mulheres negras, o silenciamento é ainda mais severo. A quase ausência de autoras negras e a forma limitada com que são apresentadas reforça a intersecção entre racismo e patriarcado (Bueno, 2019). As mulheres negras são duplamente excluídas por sua cor e por seu gênero. Conforme aponta bell hooks (2019), essa exclusão impede a construção de uma identidade plena, pois nega às mulheres negras o direito de se verem como sujeitos históricos e produtores de saber. Quando o material didático reduz essas presenças a figuras de denúncia ou resistência, sem reconhecer sua complexidade estética e intelectual, perpetua-se um tipo de violência simbólica que restringe o espaço da mulher negra ao da marginalidade.

Essas práticas de exclusão e apagamento produzem consequências profundas na formação subjetiva dos estudantes. O livro didático não é apenas uma ferramenta pedagógica, mas também um dispositivo de poder que seleciona quais memórias e identidades merecem existir. Ao omitir autores negros, o currículo escolar contribui para o processo de destruição de identidades, no qual o aluno negro é levado a internalizar a ausência de sua história como sinal de inferioridade. Trata-se de um mecanismo de alienação cultural que interrompe o elo entre passado, presente e futuro, desvalorizando a ancestralidade e impedindo a construção de uma autoimagem positiva.

Esse processo de destruição identitária está diretamente relacionado à negação da diversidade epistêmica, a pluralidade de formas de conhecimento e de modos de ser. Ao centrar o discurso em autores brancos e masculinos, o sistema educacional promove uma monocultura do saber, que legitima apenas certas vozes e marginaliza outras. A ausência de narrativas negras, indígenas e femininas impede que os alunos compreendam a amplitude da experiência humana e as múltiplas perspectivas que compõem o tecido social brasileiro.

O panorama da análise revela um padrão editorial que privilegia experiências masculinas e brancas como normativas, relegando a experiências femininas e negras à condição de exceção. Do ponto de vista pedagógico, essa seleção limita severamente as possibilidades de identificação dos estudantes com os personagens e com os autores. Para meninas, sobretudo negras, a ausência de personagens e autores semelhantes reforça a sensação de exclusão e de falta de pertencimento.

Outro ponto relevante é que a predominância de textos masculinos não se restringe apenas à autoria, mas também à representação de papéis sociais nos textos. Personagens masculinos aparecem frequentemente como protagonistas ativos, agentes de ação e responsáveis pelas decisões importantes, enquanto personagens femininas são escassas, secundárias ou retratadas de forma estereotipada. Essa representação desigual contribui para a construção de concepções rígidas de gênero entre os estudantes e reforça a ideia de que determinadas posições de protagonismo são reservadas a homens.

Do ponto de vista racial, a ausência de personagens negros protagonistas, combinada com a quase total ausência de autoras negras, limita o contato dos estudantes com experiências que



possam ampliar a compreensão da diversidade étnico-racial brasileira. A presença de uma única autora negra, apesar de significativa, não é suficiente para garantir diversidade nem para desafiar os estereótipos existentes, tornando a representatividade ainda extremamente limitada.

Portanto, os resultados indicam que a seleção editorial da coleção analisada não apenas reproduz desigualdades históricas, mas também exerce impacto direto sobre a formação de identidade, percepção social e repertório cultural dos estudantes. A ausência de diversidade em termos de gênero e raça nos textos literários prejudica o letramento crítico, reduzindo a capacidade dos alunos de dialogar com diferentes perspectivas e experiências humanas, essenciais para a construção de uma consciência social inclusiva e empática.

6 Considerações finais

A análise realizada evidencia que a escola, longe de ser apenas um instrumento pedagógico neutro, constitui-se como um espaço de disputa simbólica e política. Os livros didáticos, ao privilegiarem autores e protagonistas masculinos e brancos, perpetuam uma lógica de exclusão que atravessa séculos de formação social brasileira. A ausência de representatividade feminina e negra não é uma simples falha editorial, mas um reflexo das estruturas históricas de poder.

Essa ausência produz efeitos subjetivos e sociais profundos, reforçando a naturalização da branquitude e da masculinidade como normas e restringindo o horizonte de possibilidades de todos os estudantes. Nesse sentido, reconhecer e valorizar a presença de autoras e autores negros, bem como de personagens femininas e negras, é um passo essencial para a construção de uma educação antirracista, crítica e emancipatória. A ampliação da representatividade na literatura escolar não deve ser entendida como ato de benevolência, mas como exigência ética e epistemológica, pois é preciso garantir que múltiplas vozes, histórias e estéticas componham o repertório formativo dos estudantes.

Assim, cabe às políticas públicas, editoras, professores e demais agentes educacionais repensar os critérios de seleção dos textos literários, de modo a promover uma literatura escolar verdadeiramente plural, democrática e comprometida com a justiça social. Só por meio dessa transformação será possível construir um letramento literário que, além de formar leitores competentes, forme sujeitos conscientes de si, de sua história e do direito coletivo à diversidade de narrativas e saberes.

Referências



BUENO, W. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COSSON, R. **Letramento literário**: uma proposta para sala de aula. Univesp. 2011.
Disponível em:
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em:
14 outubro 2025.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. New York: Routledge. 2009.
hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

DUARTE, Fabíola. **Leitura e semiótica**: uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença e imagens de controle em livros didáticos de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino). UFPB, João Pessoa, 2023.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In. MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21 - 37.

